

Os laços de Parentesco entre Senhores e Escravos em Santo Estevão do Jacuípe  
e Nossa Senhora do Resgate 1839-1864

Sandra da Silva Conceição<sup>1</sup>

Resumo

O artigo aborda sobre os laços de parentesco entre senhor e escravos na região da Província da Bahia nas freguesias de Santo Estevão do Jacuípe e Nossa Senhora do Resgate. Os laços de parentesco entre senhor e escravo se dão por meio da consangüinidade, aonde senhores de escravos desposaram suas cativas as quais engravidaram, estes assumiram os filhos de ventre cativo como seus filhos legítimos. Sendo que na maioria dos casos alguns senhores para além de reconhecerem a paternidade dos filhos que tiveram com as cativas, também se casou com as mesmas formando famílias.

**Palavras-chave:** Família, Paternidade, Propriedade, Escravidão, Liberdade

A pesquisa é fruto dos estudos do mestrado aborda sobre a família formada entre senhor e escravos no período datado de 1839-1864 na Província da Bahia, nas localidades da Freguesia de Santo Estevão do Jacuípe e Nossa Senhora do Resgate<sup>2</sup>, o contexto histórico tem como ponto de partida uma Fazenda chamada Porteiras, sendo principal protagonista da história o senhor Mathias da Costa e Almeida, suas escravas e filhos que tivera com elas. Os documentos usados para contextualizar essa história foram à carta de liberdade, Escritura de Perfilhação, Escritura de Paternidade, Escritura Pública ou declaração de Contrato Particular de Casamento, inventário post-mortem.

Inicialmente a Freguesia de Santo Estevão do Jacuípe abarcava uma extensão territorial de 20 léguas de terra, ou seja, do Rio Jacuípe, por isso que tem em seu nome Jacuípe, até ao Rio Paraguaçu. Segundo as fontes escritas da Igreja Católica que devido um período de

---

<sup>1</sup> Mestranda pela universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB pelo programa de Pós graduação de Curso do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígena.  
Email: [Olinda.sandra71@gmail.com](mailto:Olinda.sandra71@gmail.com)

seca que se abateu na região, o padre saiu à procura de água nas proximidades da Freguesia com o intuito de encontrar água para suprir as suas necessidades e dos animais, se distanciou algumas léguas de terra da instalação onde estava localizada a primeira capela a qual foi fundada em 1752, pelo então padre Antônio da Costa e Almeida.

A Freguesia se chamava Santo Estevão velho, em homenagem ao santo Estevão que o padre trouxe consigo de Portugal. Ao encontrar uma área verde frondosa se aproximou da área verde e percebeu que ali se encontrava um Riacho de água salobra, sendo assim o mesmo se mudou para proximidade do Riacho, dando-lhe o nome de Riacho do Salgado, onde construiu uma capela, ao chegar ao local, à freguesia passou a se chamar Santo Estevão Novo. A população insatisfeita com o ocorrido da mudança do nome da Freguesia começou a colocar nos documentos de livros de notas um nome para antiga instalação que padre deixou, e passou a se chamar de Nossa Senhora do Resgate. Sendo assim, os moradores solicitaram o então Arcebispo da Província da Bahia Dom José Botelho a criação da nova Freguesia de Nossa Senhora do Resgate em 1848, o arcebispo aceitou as solicitações dos moradores, a partir de 1848, Santo Estevão do Jacuípe obteve seu território dividido para a criação da Freguesia de Nossa Senhora do Resgate. Em razão disso, os livros de notas 1839 a 1848 têm documentos de carta de liberdade, escritura de perfilhação, compra e venda de escravos, os moradores de Santo Estevão velho ainda utilizando o nome de Santo Estevão do Jacuípe, mas também colocavam o nome das duas freguesias tanto de Nossa Senhora do Resgate por não aceitar o nome que o então padre deu para a nova instalação que se mudou, insatisfeito a população anseia pela divisão do território que o conseguiu com êxito.<sup>3</sup>

Para tecer essa história trazendo informações e detalhes importantes sobre a vida familiar em cativeiro e vida em liberdade de uma escrava e um senhor. Ou seja, uma escrava que se torna senhora e dona da propriedade consoante realização do casamento. De apenas escrava Elena, a mesma se torna mulher do senhor Mathias da Costa e Almeida e passa a se chamar Elena da Costa e Almeida. Sendo assim, sobre esse cenário histórico durante o período da escravização torna-se relevante ressaltar a importância das fontes manuscritas e como as mesmas são de fundamental enriquecimento sobre a vida dos cativos durante o período

---

<sup>3</sup>Coleção Eduardo Castro e Almeida, Arquivo Histórico Ultramarino, documento 2666. Publicado no volume 31 dos Anais da Biblioteca Nacional (1909), pp. 213-215. Disponível em [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_031\\_1909.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_031_1909.pdf) acessado em 20 de março de 2019

Oitocentista, principalmente na região do nordeste brasileiro e demais regiões do Brasil, mas essa história ocorreu no período de 1820 nas Freguesias de Santo Estevão do Jacuípe e Nossa Senhora do Resgate em uma Fazenda chamada Porteiras sendo o proprietário Mathias da Costa e Almeida.

O olhar do homem branco colonizador enxergava a mulher negra como um ser desprovido de comportamento, o corpo como objeto sexual, assim o mesmo corrobora com a ideia preconcebida de devassidão, desordem e promiscuidade. O colonizador percebe esses sujeitos sociais meros indivíduos que possam corroborar para satisfazer seus interesses e suas atividades econômicas com o árduo trabalho forçado, embora haja também a relação social de convivência que vai para além das atividades domésticas, sendo de parentesco, o compadrio, concubinato, filhos, esposas, sobrinhos, netos, etc.<sup>4</sup>

Com as novas abordagens a respeito da mulher negra, esta não era apenas um objeto sexual, mas uma mulher capaz de estabelecer vínculos sociais para assegurar suas relações de convívio dentro do sistema. A mulher negra não era apenas uma propriedade de alguém, mas um sujeito social atuante capaz de viabilizar as relações de convívio para amenizar o sofrimento do jugo da escravidão, assim esta de escravizada se tornará dona de casa e mãe de família. E assim, quebra os tabus tradicionais do padrão familiar até então existente sobre a família brasileira do período oitocentista.

A história a ser protagonizada é uma relação afetiva e sexual, entre um senhor chamado Mathias da Costa e Almeida e sua ex-escrava Elena da Costa e Almeida, no decorrer dessa história tece em prol de um casamento religioso não realizado, mas devido rogo da justiça o casamento é realizado através de um contrato de casamento sendo que o Frei Luís alegava não realizar a união matrimonial do casal sendo estes viverem bom tempo juntos como marido e mulher e já tendo uma filha dessa união.

Em livros de notas datado de 1839-1848 foram encontradas Escrituras de Perfilhação cujo documento tem como objetivo o senhor, pai do filho que teve com sua cativa assumindo a paternidade, concedendo liberdade, casando com a mesma, zelando pela criação do filho até a vida adulta, tornando herdeiro legítimo. Através dos cruzamentos de dados oriundos Escrituras de Notas foram encontrados 13 escrituras de perfilhação no ano de 1844 a 1845, do qual o

---

<sup>4</sup>SLENES, Robert W. “Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX”. Universidade Estadual de Campinas, Rev. Bras. de Hist. São Paulo. V.8 n°16. pp189-203. Mar 88/ago. 88.

senhor Mathias da Costa e Almeida faz o reconhecimento da paternidade dos filhos que teve com suas escravas. O mesmo morava na Fazenda Porteiras que se localizava na freguesia de Nossa Senhora do Resgate. Das seis escravas que ele tivera os filhos, a primeira se chamava Elena da Costa e Almeida, a qual foi à única com quem o mesmo se casou e concedeu-lhe a liberdade, e juntos tiveram uma filha que se chamava Jeronima, assim formando uma família considerada legítima devido à oficialização do matrimônio, as demais escravas foram submetidas ao concubinato, todas moravam na mesma Fazenda do senhor Mathias da Costa e Almeida.

Como afirma Robert Slenes que o caso de Isidoro poderá parecer um pouco inusitado diante do contexto da escravidão, porém a relação entre senhor e escravo não poderá ser algo atípico diante de um contexto social, político e econômico que se estabeleceu o sistema escravista por todo o território brasileiro e também não poderá ser considerado um caso isolado diante do contexto da escravidão. Sendo assim, casos como do senhor Mathias da Costa e Almeida dentre outros senhores que tiveram filhos com suas escravas que foram analisados durante os estudos das fontes manuscritas demonstram uma relação entre senhor e escravos para além dos vínculos de trabalho, e assim percebe-se que casos como estes não são inusitados ou atípicos cada região tinha uma característica sobre como administrar a relação entre senhor e escravo.

Assim como Isidoro Gurgel Mascarenhas recebeu sua mãe como um bem na herança de seu pai, duas filhas de Mathias da Costa e Almeida passaram pela mesma situação, ambas eram filha de Mathias da Costa e Almeida com sua escrava Domingas, esta não teve a sorte de conseguir a liberdade como as outras escravas que o senhor tivera filhos, no momento da partilha da herança em seu testamento Mathias deixou como herança para as filhas a própria mãe que ainda permanecia em cativeiro.<sup>5</sup>

Através dos cruzamentos de dados assim como fizera o historiador Robert Slenes é necessário tecer uma rede de informações a respeito dos personagens envolvido na trama é importante estar atento aos detalhes de cada personagem historiográfico que irá ajudar construir importante história sobre os senhores e os cativos na formação familiar. Após o estudo realizado

---

<sup>5</sup>ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada no Império In: NOVAIS, Fernando A; ALENCASTRO, Luiz Felipe (org). História da Vida Privada no Brasil. In. SLENES, Robert W. Senhores e subalternos no Oeste Paulista .p.233- 290, volume 2, São Paulo: Companhia das Letras, p.234.1997.

sobre senhores e escravos que formaram a família, não foi apenas um caso encontrado, sendo que foi observada uma soma aproximadamente de 20 famílias nessa situação que senhores desposaram as cativas, engravidou. O caso de Mathias da Costa e Almeida é apenas um dos casos para poder contar um pouco dessa historiografia e as relações entre senhor e escravo. A família era composta por pai, mãe, filhos, a quantidade de membros da família eram de 1 filho a 7 filhos por residência, mas teve um caso que o senhor teve 13 filhos com as cativas, sendo que com uma escrava legitimou o matrimônio e demais cativas, libertou e outras continuaram na condição de escravas.

Os casos entre senhor e escrava não estava na relação de poder havia uma relação afetiva, sendo assim, essa relação não era apenas um fato escondido, mas algo que se fazia presente no cotidiano e no conhecimento de todos para além da propriedade do senhor, esta relação já era um fato corriqueiro e do conhecimento na sociedade em razão disso já havia uma proposta em 1830 com o intuito de promover uma lei que garantisse a liberdade para a cativa que tivesse o filho com o seu senhor.<sup>6</sup>

Diante da literatura estudada muitos autores<sup>7</sup> afirmam que nem sempre uma cativa por ser desposada pelo seu senhor, isto garantiria que o mesmo a assumisse após engravidar, sendo que muitas não tiveram a mesma sorte que Luzia Jeje, Martinha, Chica da Silvae Elena Da Costa e Almeida<sup>8</sup>. Algumas apenas somente os filhos foram reconhecidos, porém as mães permaneceram na mesma condição de cativa, embora nem sempre os filhos que senhores tiveram com as escravas eram reconhecidos, apenas era mais um filho de uma cativa sem ser reconhecido pelo pai cujo era o senhor.

O conceito de família estar ligado domicílio. Para Graf é preciso analisar a formação da família escrava diante de tanta controvérsia para que não haja uma generalização ou negação da existência da mesma, ratificando apenas dados pertinentes há olhares focados tão somente em uma região, é necessário analisar todo contexto social do período oitocentista, perceber-se

---

<sup>6</sup> Ibidem.p.260, 1997.

<sup>7</sup> Ibidem.p. 1997.

<sup>8</sup> ALVES, Adriana Dantas Reis. **As mulheres negras por cima. O caso de Luiza jeje. Escravidão, família e mobilidade social –Bahia,c.1780 –c. 1830**.p.174. 2010; SOUZA, EdimáriaLima Oliveira. **Martinha: a história de uma ex- escravizada no sertão de Coité (1870- 1933)**.Dissertação de mestrado, Universidade do Estado da BAHIA-UNEB, Santo Antônio de Jesus. p. 13. 2016; Escritura Pública Retificação e Declaração de Contrato Particular de casamento, Mathias da Costa e Almeida e Elena da Costa e Almeida p. verso da página 60 e página 61, 1864;

que a formação familiar não poderia estar apenas formada entres sujeitos da mesma classe social, mas diferentes classes sociais<sup>9</sup>.

Na metade do século XIX, Isabel Reis pesquisa as mudanças sociais, econômicas e política que diz respeito às relações familiares dos negros submetidos ao cativo ou não. Enfatiza que é necessário um estudo mais específico a respeito da temática intitulada família escrava na Bahia, no período oitocentista, há estudos parciais, mas é preciso um estudo mais aprofundado sobre a família escrava<sup>10</sup>. Diante das fontes pesquisadas a experiência familiar estar interligada com a liberdade como uma viabilidade de conseguir-se libertar do jugo da escravidão e amenizar o sofrimento cotidiano do cativo<sup>11</sup>.

A formação familiar do negro implica também com a questão da liberdade, o negro não é apenas um objeto coisificado em meio ao jugo do sistema escravista, ele procurou estabelecer seus vínculos de relações de parentesco através da família com o intuito de amenizar a escravidão. Mesmo com uma documentação fragmentada a respeito sobre a condição da formação familiar, não podemos afirmar, generalizar fatos em relação à família escrava, sendo o sistema escravista estabelecido por todo território brasileiro e cada região com características diferentes foram adotadas para manter a estrutura do mesmo<sup>12</sup>.

Para Robert Slenes o olhar do homem branco é totalmente diferente em relação à constituição dos laços familiares da família negra, pensa que esta não estar preparada devido às condições subumana submetida ao sistema escravista. Assim, relaciona a inexistência da família escrava aos fatores de desordem, promiscuidade, a desestruturação do sistema escravista que impossibilita a formação da família. De maneira generalista atribuí conceitos preconcebidos sobre as relações afetivas e familiares do negro dentro do sistema escravista, sendo que esse sistema foi estabelecido por todo território Brasileiro, em cada canto desse país tinha características diversas e cada senhor adotava suas regras com o intuito de prevalecer à ordem do sistema<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> GRAF, Márcia Elisa de Campos. Fontes para o estudo da família escrava no Brasil.

<sup>10</sup> REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888. 2007. 305p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280899>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>12</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. A família Negra no Brasil :escravos e libertos, Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Paulo, 120,p.27-44,jan/jul. II Encontro da ABEP, Olinda,1988.p.39-58.

<sup>13</sup> SLENES, Robert W. “Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX”.

Universidade Estadual de Campinas, Rev. Bras. de Hist. São Paulo. V.8 nº16. pp189-203. Mar 88/ago. 88.

A família formada durante o cativeiro era analisada de conceitos preconcebidos e preconceituosos, não havia um olhar que compreendesse a formação familiar dos escravos como sujeitos inseridos em local difícil e sofrido, sem que o olhar do homem branco não fosse desviado pela devassidão percebesse na família uma mera reprodução de seres ao imitar o ato sexual dos animais, não era enxergado o companheirismo para amenizar o sofrimento do trabalho pesado, porém um animal tentando satisfazer suas intimidades às pressas para não ser observado, julgado e castigado por aqueles que percebiam na sua relação afetiva e sexual uma mera devassidão e algo impróprio perante a moral daqueles que se dispunha preservarem como se fosse algo intocável, mas na verdade o homem branco fazia essa devassidão e imoralidade percorrer pelas propriedades sem nenhum pudor<sup>14</sup>.

O casamento ou formação da família como garantia da permanência dos sujeitos sob o jugo do sistema escravista continuaram juntos. O casamento assegurava não separação do casal sob o jugo da escravidão. Ou seja, era uma liberdade dentro do cativeiro possibilitando os escravos usufruir de direitos matrimoniais sem a interferência do senhor, embora o casamento não tivesse nada a ver com a possibilidade do escravo almejar alforria<sup>15</sup>.

Sabemos que a escravidão deixou um cenário histórico grandioso durante séculos como sistema político, econômico e social dando assim a possibilidade de pesquisa sobre diversas temáticas pertinente ao tocante família, poder, economia, liberdade e trabalho escravo. A cada canto desse imenso território havia história protagonizada por senhores e escravos, senhores e escravas em relações que se submeteram além dos vínculos entre senhor e escravo, um dar ordem e outro obedece, ou para, além disso, sentimentos afetivos foram construídos entre senhores escravas e assim formando família e quebrando as barreiras das hierarquias sociais vigente no período oitocentista.

Com isso, a relação afetiva entre senhores e escravas não foram casos raros e tão poucos algo impossibilitado mediante as proximidades constantes entre ambos os sujeitos de ascensão social diferente, embora, isto não foi um empecilho para que senhores formassem sua família com sua própria escravaria. Na província da Bahia umas freguesias localidade no sertão, casos de senhores de escravos que formaram sua família entre a sua própria escravaria, a

---

<sup>14</sup> SLENES, Robert W. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX. Universidade Estadual de Campinas, Rev. Bras.de Hist. São Paulo. v.8 nº16.pp189-203. mar 88/ago 88.

<sup>15</sup>Slenes, Robert W. Escravidão e família: padrões e casamentos e estabilidade numa Comunidade Escrava( Campinas século XIX).

exemplo do senhor de nome Mathias da Costa Almeida sua terras localizadas entre as Freguesias de Santo Estevão do Jacuípe e Nossa Senhora do Resgate, antes estas eram uma só Freguesia denominada de Santo Estevão do Jacuípe com uma extensão territorial de 20 léguas de terras das extremidades do Rio Jacuípe ao Rio Paraguaçu.

O olhar do homem branco em relação à família escrava é totalmente diferente da idéia da família não escrava. A mulher mãe não escrava é tida como mãe zelosa, carinhosa, atenciosa, etc, enquanto a mulher escrava mãe é enxergada como um ser inapropriado para ser mãe por sua vez na fala percebe-se um preconceito, ou seja, como se a cor fosse um adjetivo que diferencia ambas as mulheres para ser mãe<sup>16</sup>. Na verdade, a mulher escrava apenas estar sendo enxergado dentro do contexto social do sistema como uma propriedade do qual o seu senhor se apropria do seu corpo apenas como um bem para poder gerar o filho<sup>17</sup>.

A autora discorda da posição exposta pelos autores Charles Ribeyrolles, Gilberto Freyre que negavam a existência da família escrava nas senzalas, que os escravos não sonham nem recordações tinham mediante o sofrimento submetido ao árduo trabalho. Assim Renata Assunção da Costa, afirma enquanto estes autores reforçam a idéia da inexistência da família escrava Robert Slenes afirma categoricamente os laços familiares entre os escravos durante o período oitocentista.

A ideia sobre família se constitui a partir do casamento realizado entre um homem e uma mulher perante os sacramentos da Igreja Católica, e dessa relação se tem filhos. Para Elisa de Campos Graf o conceito de família estar ligado a domicílio<sup>18</sup>. Em razão disso, a mesma traz indagações como analisar a formação da família escrava no Brasil diante de tanta controvérsia a respeito da mesma. A obra intitulada Casa Grande & Senzala, do então Gilberto Freyre deixa claro a ideia que família é formada a partir de bases consolidadas entre senhores e senhoras da mesma condição social, do qual senhor é a figura patriarcal que emana todo poder sobre os demais sujeitos a sua volta, mulher, filhos, agregados, ou seja, parentes, escravos, etc .

No entanto Hebe Maria Mattos discorda do conceito de Gilberto Freyre no tocante a formação familiar, sendo assim a autora ressalta que o conceito de família é para além do conceito patriarcal formada por um senhor, mulher, filhos, filhas, noras e genros. Mas diante

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 198-200.

<sup>17</sup> REIS, João José. Notas sobre a escravidão na África Pré-Colonial. Estudos Afro-Asiáticos, nº 14, p.7-8. 1987.

<sup>18</sup>GRAF, Márcia Elisa de Campos. “Fontes para o estudo da família escrava no Brasil”. In Anais do V Encontro de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro, 1986, p. 19-32.

das pesquisas sobre o tema Intitulado família escrava este vai além dos conceitos preconcebido pela elite rural tradicionalista brasileira, sendo que os fogos separados de escravos, escravos livres nas propriedades de grande extensão onde conviviam homens, mulheres e filhos escravos ou livres diante das relações afetivas constitui-se família consoante novo conceitos e significados que vão se debruçando os estudiosos sobre o assunto em questão.<sup>19</sup>

O casamento era incentivado para que não ocorresse os casamentos clandestinos, concubinato, ou união consensual. Nas cartas de liberdade traz ricos detalhes sobre a vida do escravo descrevendo se é casado, solteiro, têm filhos ou não, mãe, pai, idade, cor, senhor, etc.

Isabel Cristina Ferreira dos Reis ratifica que liberdade não era algo fácil para se conquistar, mas quando havia um liberto na família, este lutava bravamente para poder alcançar a liberdade para demais membros da família, que isto poderia garantir a não separação dos membros da família. Mas será que isto de fato pode ser uma garantia, não, devido o caso das irmãs que a autora traz como exemplo a Augusta e a Ubaldina<sup>20</sup>. Outro caso interessante que autora Keila Greenberg, traz no caso da cativa Liberata que engravidar do senhor, isto de maneira séria um fator crucial para obter uma liberdade, no entanto Liberata usou de outros argumentos que poderia trazer a baile coisas de assuntos pessoais de seu senhor que não deixaria bem visto na sociedade após a vir a conhecimento de todos, os filhos gerado no ventre de sua filha, da qual tida como uma mulher pura, sendo que já houvesse perdidos vários, não era de um branco, mas de homem de cor.<sup>21</sup>

Para Eric Foner a liberdade é pensada para além de se liberta do cativo, porém em busca de como sobreviver após o cativo, em prol de uma vida para além de ser um ex-egresso do cativo e manter as mesmas condições do cativo como na maioria dos casos sobreviviam os libertos, no entanto a carta liberdade concedida pelo s senhores aos filhos era garantir o direito como cidadão, usufruir dos bens deixados pelo pai para que nenhum parente pudessem lhe tirar esse direito como filho por ainda permanecer no cativo, a liberdade garantiria esta

---

<sup>19</sup>MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil, século XIX)**. 3º ed.rev. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

<sup>20</sup>REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. p. 61-74.2007.

<sup>21</sup>GRINBERG, K. **Liberata: a lei da ambiguidade - as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

segurança aos filhos de senhores em ventre cativo, mesmo a mãe não tendo a liberdade, este era liberto como herdeiro legítimo de seu senhor. Para manter esta segurança para que não houvesse contestação o senhor fazia dois documentos denominados de Escrituras de Perfilhação e Paternidade ambos contendo todas a história com os mínimos detalhes sobre os envolvidos no contexto, nome do pai, nome da mãe, cor, idade, as condições sobre a criação da criança, dote no caso das filhas quando se casasse, ratificação como herdeira legítima dos bens do pai após o falecimento.<sup>22</sup>

Isabel Cristina Ferreira dos Reis ressalta importância das informações a respeito do cruzamento das fontes possibilita o pesquisador encontrar detalhes preciosos sobre a família em questão pesquisada, assim trazendo novos detalhes que enriquecerão o estudo dando mais aprofundamentos aos dados já existente sobre a família escrava no período oitocentista na Bahia de 1850. Sendo assim as informações a respeito da família escrava no período de 1850, os dados são encontrados nos mais variados documentos como notas de escrituras, escrituras de perfilhação, carta de liberdade, inventários post-mortem.

Fazendo parte dessa discussão, despontaram também as novas abordagens sobre a “família escrava”. Os estudos sobre a constituição das famílias entre a população negra escravizada impuseram-se como fundamentais no contexto mais amplo do resgate do cativo como sujeito da história. Também fizeram notar as contribuições dadas pelos avanços ocorridos na história demográfica e social, ampliando as possibilidades de análise a partir da consulta de novas e variadas fontes, o que favoreceu novas abordagens.

As novas fontes analisadas trazem ricos detalhes sobre a família escrava do período de 1850 como se construíram essas relações de parentesco e como viviam essas famílias sobre o regime escravista ou liberto, porém vivendo ainda sob as propriedades de seus ex-senhores. Dados importantes sobre essas famílias dentro da conjuntura da escravidão como a autora Isabel Cristina trás detalhes importantes sobre essa relação família que estudos apontam pesquisas realizadas em área de grande Plantation, propriedades médias e pequenas.

Nos recentes estudos sobre a “ família escrava”, as especificidades regionais e locais estão sendo levadas em conta, no que diz respeito á

---

<sup>22</sup>FONER, Eric. Nada Além da Liberdade. A Emancipação e seu Legado. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Apresentação de John M. Monteiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. .p 183.

densidade da utilização da mão-de-obra escrava, ao tipo de atividade econômica desenvolvida, ao tamanho e ao perfil demográfico das posses cativos (taxas de natalidade, masculinidade, africanidade, etc) entre outros variáveis.<sup>23</sup>

Com isso, a relação afetiva entre senhores e escravas não foram casos raros e tão poucos algo impossibilitado mediante as proximidades constantes entre ambos os sujeitos de ascensão social diferente, embora, isto não foi um empecilho para que senhores formassem sua família com sua própria escravaria. Na província da Bahia umas freguesias localidade no sertão, casos de senhores de escravos que formou sua família entre a sua própria escravaria, um senhor de nome Mathias da Costa Almeida sua terras localizadas entre as Freguesias de Santo Estevão do Jacuípe e Nossa Senhora do Resgate, antes estas eram uma só Freguesia denominada de Santo Estevão do Jacuípe com uma extensão territorial de 20 léguas de terras das extremidades do Rio Jacuípe ao Rio Paraguaçu.

A relação afetiva que o senhor Mathias da Costa e Almeida era para além, das regras e hierarquias entre senhor e escravas. Essa convivência propiciou os laços familiares entre o Senhor Mathias da Costa e Almeida com sua escrava de nome Eelena, do qual o mesmo explicita a relação que ambos obtêm a partir dos detalhes obtidos da carta de liberdade que o mesmo passará a sua filha de nome Jeronima:

[...] Digo eu Mathias da Costa e Almeida que entre os mais bens que são senhor, e legitimo pepossuidor livre, e desembargador sim como huma menina de nome Jeronima minha filha com Helena que hera minha escrava e hoje minha Esposa cuja me, cuja menina lhe mandei passar carta de sua liberdade, um mês de septembro do Anno de mil oitocentos e vinte e hum. Digo oito centoe hum , tendo menina de idade dois meses, uns vallor de vinte e cinco mil reis , e como a dita custa se perdeo então de lelonear em notas ,lhe mandei passar apresente para que a dita minha filha gose da sua liberdade como que se nascesse livre do ventre Maternal[...].<sup>24</sup>

Na metade do século XIX, pesquisas foram realizadas devido às mudanças sociais ocorridas em torno do sistema escravista, no que diz respeito à economia, política, as relações sociais, trabalho, os laços familiares. Sendo assim, Isabel Cristina Ferreira dos Reis enfatiza

---

<sup>23</sup>REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. p. 305.2007.

<sup>24</sup>Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. Jeronima. Carta de Liberdade. 1839-1848.p.24.

que é necessário um estudo mais específico no tocante à temática intitulada Família escrava na Bahia, em razão de não haver estudos mais aprofundado sobre o assunto, ainda há uma pesquisa parcial a respeito da família escrava e as relações afetivas .

A Fazenda Porteiras onde mora o senhor Mathias da Costa e Almeida com sua família havia vínculos afetivos, cuidado e proteção, a mesma estava localizado no sertão da Província da Bahia no período oitocentista. Essa família contabilizava de um patriarca da elite local da Freguesia de Nossa Senhora do Resgate, uma família batente numerosa contendo 13 filhos, uma esposa e cinco concubinas. Elena sua esposa e ex-escrava da qual teve uma filha de nome Jeronima.

As concubinas eram cinco todas tiveram filhos com o senhor Mathias da Costa e Almeida, Alexandrinha da Conceição Almeida filha de Mathias da Costa e Almeida com sua escrava Maria Antônia, Manoel Victorio de Almeida cuja mãe é Antônia, Josefa Maria da Conceição filha de Francisca, Maria Dias da Conceição, João da Costa e Almeida, Thome da Costa e Almeida , Jeronimo da Costa Soares e Almeida, Luis da Costa e Almeida, José da Costa e Almeida são filhos de Antônia Maria de São Joaquim, após obter o filho João da Costa e Almeida ,Antônia Maria de São Joaquim passou adotar o sobrenome da Costa por sua vez Antonia Maria de São Joaquim da Costa. Pardoneia Maria de Almeida eAlexandrinha Maria de Almeida ambas filha de Domingas .

Além dos filhos e as mães destes a escritura de perfilhação trás detalhes sobre a Família da Costa e Almeida cujo Patriarca é o senhor Mathias da Costa e Almeida, relata a cor, o reconhecimento de paternidade, a libertação dos filhos do jugo da escravidão, os nomes dos maridos das filhas, etc .

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de um senhor de escravo que tem o intuito de garantir a base familiar mesmo sendo sujeitos diferentes de sua condição social, isto não impediu a formação da família. Vínculos para além das relações de trabalho aonde formaram uma família formada por um senhor e várias mulheres escravas aonde contabilizaram participação do casamento e o concubinato.

A conjuntura do sistema escravista tem um contexto variado do qual não podemos generalizar por que cada parte desse território a escravidão estabeleceu relações sociais diferentes. A relação afetiva familiar é uma temática que dever haver um estudo mais

aprofundado que diz respeito essa parte da historiografia protagonizada entre escravos e senhor ou vice-versa.

## REFERENCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. Jeronima. Carta de Liberdade. 1839-1848.p.24

Arquivo Público de Cachoeira-Bahia, João Rodrigues de Oliveira. Escritura de Perfilhação. Escrituras 1839-1848. Verso da p. 71, ano de 1855.

Arquivo Público Municipal de Cachoeira-Bahia. Alexandrinha da Conceição Almeida. Escrituras Perfilhação, 1839-1848, p.35.

Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. Manoel Victorio de Almeida. Escrituras Perfilhação. 1839-1848, p.36. Arquivo Municipal de Cachoeira.

Arquivo Público Municipal de Cachoeira-Bahia Josefa Maria da Conceição. Escrituras Perfilhação, 1839 - 1848 p.37.

Arquivo Municipal de Cachoeira-Bahia. Maria Dias da Conceição. Escrituras 1839-1848.p.37 e 38. Arquivo Público Municipal de Cachoeira- Bahia. Joana Maria da Conceição. Escrituras Perfilhação. 1839-1848.p.38.

Arquivo Municipal de Cachoeira- Bahia. João da Costa e Almeida. Escrituras 1839-1848.p.39.

Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. Thomé da Costa e Almeida. Escrituras 1839-1848.p.39 e 40.

Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. Jeronimo da Costa Soares e Almeida. Escrituras Perfilhação. 1839-1848.p.40.

ArquivoPúblico Municipal de Cachoeira- Bahia. Luís da Costa e Almeida. Escrituras Perfilhação. 1839-1848.p.41 e 42.

Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. José da Costa e Almeida. Escrituras Perfilhação. 1839-1848.p.41 e 42.

Arquivo PúblicoMunicipal de Cachoeira- Bahia. Pardoneia Maria de Almeida. Escrituras Perfilhação. 1839-1848, p. 43.

ArquivoPúblico Municipal de Cachoeira- Bahia. Alexandrinha Maria de Almeida. Escrituras 1839-1848.p.43.

Arquivo Público Municipal de Cachoeira-Bahia. Escritura de Retificação, Digo Escritura Pública Retificação e Declaração de Contrato Particular de casamento, Mathias da Costa e Almeida e Elena da Costa e Almeida p. verso da página 60 e página 61, 1864;

Arquivo Público Municipal de Cachoeira-Bahia. Inventário Post-mortem, Mathias da Costa e Almeida, p .71, 1865.

#### FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Adriana Dantas Reis. As mulheres negras por cima. O caso de Luiza jeje. Escravidão, família e mobilidade social –Bahia,c.1780 –c. 1830.p.174. 2010.

BENCI, Jorge. Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos. Livro Brasileiro de 1700. Editora: Grijalbo.p. 10-11. São Paulo, 1977.

GRAF, Márcia Elisa de Campos. “Fontes para o estudo da família escrava no Brasil”. In Anais do V Encontro de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro, 1986, p. 19-32.

GRINBERG, K. Liberata: a lei da ambiguidade - as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

REIS, João José. “Notas Sobre a escravidão na Áfricapré-colonial”. Estudos Afro-Asiáticos. nº 14, 1987.p.6-8.

PRADO, Danda. O que é família? 1ª. Edição, 1981, 2ª edição. Editora Brasiliense. São Paulo-Brasil.

REIS, João José. “Notas Sobre a escravidão na Áfricapré-colonial”. Estudos Afro-Asiáticos. nº 14, 1987.p.6-8.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. Histórias de familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX. Salvador: Centro de Estudos Baiano,p.168. 2001.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. p. 305.2007.

REIS, Isabel Ferreira dos. "A Família negro no tempo da Escravidão". Fundação Pedro Calmon. 30 de março de 2016.

ROCHA, C.M. 2004a. Histórias de famílias escravas: Campinas, século XIX. Campinas, Editora da Unicamp, 181 p.

SAMARA, Eni de Mesquita. A família Negra no Brasil :escravos e libertos, Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Paulo, 120,p.27-44,jan/jul. II Encontro da ABEP, Olinda,1988.p.39-58.

SLENES, Robert W. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX. Universidade Estadual de Campinas, Rev. Bras.de Hist. São Paulo. v.8 nº16.pp189-203. mar 88/ago 88.

SLENES. Robert w. Escravidão e Família: Padrões de Casamento e Estabilidade Familiar Numa Comunidade Escrava (Campinas, Século XIX) jan./abril, 1983. P, 2126-2127. Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas- São Paulo.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. Sistema de Casamento no Brasil Colonial.- São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo,p.3. 1984.